



# TEATRO

★★

*do Romantismo aos nossos dias:* CENTO

U.1635



*uma antologia  
seleccionada, prefaciada e anotada*

*por*

**LUIZ FRANCISCO REBELLO**

# PORTUGUÊS

**E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA**



*Teatro*

# TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

*do Romantismo aos nossos dias*



2.<sup>o</sup> volume

# Branquinho da Fonseca

António José Branquinho da Fonseca (que usou, nalgumas obras, o pseudónimo António Madeira) nasceu em Mortágua, a 4 de maio de 1905.

Obras principais: Teatro — A Posição de Guerra, drama em 1 acto (1928); Os Dois (in presença, 1929); Curva do Céu, poema em 1 acto (in Sinal, 1930; representado no Estúdio do Salitre, 1947); Teatro I (A grande Estrela, parábola em 9 episódios; Curva do Céu; Rãs, apólogo em 1 acto; Quatro vidas, apontamento para uma peça — 1939).

Outras obras: Poesia — Poemas (1926); Mar Coalhado (1932). Romance, novela e conto — Zonas (1931); Caminhos Magnéticos (1938); O Barão (1942); Rio Turvo (1945); Porta de Minerva (1947); Mar Santo (1952); Bandeira Preta (1957).

Se até 1946, ano em que se fundou em Lisboa o «Estúdio do Salitre», propulsor de todo o movimento experimental tendente a uma actualização do nosso teatro, este ignorou praticamente o modernismo, certo é que também os escritores mais significativos do modernismo em contrapartida o ignoraram a ele. Esta regra, como todas as regras, teve as suas excepções: a representação em 1934, no palco do Nacional, dos Gladiadores de Alfredo Cortez, para o primeiro caso, e para o segundo (além, evidentemente, do Jacob e o Anjo, de Régio) os esboços dramáticos de um Almada e de um Branquinho da Fonseca. De ambos daria o «Estúdio do Salitre» imitada, mas expressiva, amostra, ao apresentar no seu minúsculo e improvisado palco o poema dramático Curva do Céu, do segundo, e o alever de rideau» Antes de começar, do primeiro, respectivamente em 1947 e 1949. Cumpria-se assim um outro capítulo do seu programa, na medida em que se facultava o acesso ao tablado de escritores a quem a expressão teatral havia já seduzido, mas que os palcos profissionais simulavam desconhecer. Publicado inicialmente no número 1 (e único) da revista Sinal, fundada em Coimbra por Branquinho e Torga após a cisão aberta na frente presencista, o pequeno acto veio a ser incluído, nove anos depois, em versão levemente alterada, num volume em que o notável contista dos Caminhos Magnéticos e do Barão reuniu parte do seu teatro. Aproximando-o do Post-Office de Tagore (que, na versão mais conhecida de André Gide, se chamou Amal e a carta do rei), cujo núcleo temático é afim, escreveu Jorge de Sena, por ocasião da sua estreia no «Salitre»: «Na sua extrema concisão, em que os tempos e as mudas transmutações e aparições prolongam para o sonho simbólico as recordações e anseios da criança que morre, o poema de Branquinho da Fonseca encerra uma essencial beleza que, na peça de Tagore, é acessória quase; e a transfiguração dos três reis magos nas três tias velhas, que poderemos considerar as três parcas, só por si constitui uma prodigiosa criação mítica de incomparável emoção poética.»

Interpretado por Carlos Duarte (o Filho), Júlia Roiz (a Mãe), Pisani-Burnay (o Pai), Tomaz Ribas, Canto e Castro e Mário Nobre (os três Reis Magos e as três velhas), o poema dramático de Branquinho fez parte do 5.º espectáculo do «Estúdio do Salitre», apresentado a 17 de julho de 1947.



O Modernismo:

(2) Branquinho da Fonseca e Miguel Torga

Em cima, desenhado por José Régio, o Anjo de *A Posição de Guerra*, de B. da Fonseca (1928); em baixo, gravura de B. da Fonseca para *Curva do Céu* (1930) e uma cena de *Mar*, de Torga, pelo Teatro Experimental do Porto, 1958 (Foto de F. Aroso)





## Branquinho da Fonseca

# C U R V A D O C É U

Personagens:

O FILHO.  
A MÃE.  
OS TRÊS REIS MAGOS.  
O PAI.  
TRÊS VELHAS.

*Um quarto de paredes brancas: uma porta; uma janela onde se vê o mar. Ao meio do quarto a cama com o Filho doente. A Mãe está ajoelhada ao pé do leito, com a cabeça sobre os joelhos do Filho.*

*É ao entardecer. O sol oblíquo. No silêncio, ouve-se apenas um vago rumor do mar.*

FILHO (*com voz débil*): Mãe... Está cansada?... (*Silêncio*:) Mãe... (*Ela levanta a cabeça, devagar, e olha-o. Ele poisa-lhe a mão sobre a cabeça e ergue um pouco a voz*:) Estás a chorar?... (*Ela, sem responder, deixa cair outra vez a cabeça sobre a cama.*) Mãe!... (*Tentando erguer-se mais*:) Ó mãe, porque estás a chorar?...

MÃE (*levantando a cabeça*): Não estou a chorar.

FILHO: Estavas...

MÃE: Não. Não vês?... Porque havia de estar a chorar, se estás melhor? Mas não deves falar... O médico disse que fazia muito mal...

FILHO: Mas foi quando eu estava pior. Agora já não. Estou muito melhor. O médico até não tem cá vindo já... Sabes mãe?... daqui a pouco estou bom e vou passear contigo... queres?... Vou passear ao quintal e depois, quando tiver mais força, vamos ao Jardim do lago, num dia de música... ande anda tanta gente conhecida... e os rapazitos a brincar... Sentamo-nos num banco, lá ao fundo, à sombra, a ver tudo... Sim?...

MÃE: Sim...

FILHO: Já estou aqui há tanto, tanto tempo... Dói-me o corpo... Outras vezes não sinto nada. Mas agora já tenho forças e posso levantar-me, ir para a janela... Levon tanto tempo esta doença!... Às vezes julgava que nunca mais ficava bom. Mas depois tinha outra esperança. Mãe, ontem senti-me muito melhor e hoje ainda mais... Tenho tanta vontade de me levantar! Amanhã já posso ir para a janela. E daqui a pouco posso ir passear... posso ir passear no barco... Ó mãe, o barco esteve sempre bem guardado? Está bom?...

MÃE: Sim, meu filho, está... Está bem... descansa.

FILHO: Onde está?

MÃE: Está ao pé dos do Manuel Redeiro. Está bem...

FILHO: Mas não andam nele, pois não?

MÃE: Não. Ninguém...

FILHO (*abstracto*): Precisa ser pintado... Há uns poucos de anos assim... abre... (*Para a mãe*:) Olha, mãe, diz ao Manuel que o arranje, que o pinte... de encarnado... Mas que deixe ficar a gaivota, à frente, como está... Se ele lhe mexe estraga-a... Eles pintam os pássaros quase todos iguais... E uma gaivota é muito diferente... Uma gaivota é bonita... que linda, a voar!... Não te esqueças, mãe...

MÃE: Não esqueço...

FILHO (*depois duma pausa*): Ó mãe! Eu sou capaz de ir muito longe, mesmo num barquito como aquele... Se estiver bom tempo... Com tempestade não... Quer dizer: não podia desembarcar... mas lá no alto mar não havia perigo, se a vaga não quebrasse... Sabes, é como um balçoço... Mas com bom tempo, ah! ia a todo o mundo!... Toda a vida, assim, de terra em terra!... andar muito tempo no mar, só a ver céu e mar! e depois chegar a uma terra nova, com gente diferente, alegre... Nas ilhas lá para o Sul, quentes, com grandes florestas e rios... Comem frutas e deitam-se à sombra porque de dia há muito calor. E as raparigas andam nos ribeiros, ou nos lagos a nadar como fio-

# Í N D I C E

*Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa* VII 657

<i>Introdução</i> .....	IX
1. <i>Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa</i> .....	XIII
2. <i>Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett</i> .....	XV
3. <i>Garrett e a restauração do teatro português</i> .....	XVI
4. <i>Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia Catão e a geração liberal de 1820 — O exílio</i> .....	XVII
5. <i>O Auto de Gil-Vicente, início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o Frei Luis de Sousa — As últimas peças de Garrett</i> .....	XIX
6. <i>O equívoco do teatro histórico ultra-romântico</i> .....	XXI
7. <i>O melodrama histórico da década de 1839-50</i> .....	XXIII
8. <i>O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo</i> .....	XXVIII
9. <i>A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo</i> .....	XXXII
10. <i>A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro</i> .....	XXXIII
11. <i>Outros encontros da «geração de 70» com o teatro</i> .....	XXXVII
12. <i>Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português</i> .....	XXXIX
13. <i>Revivescência do teatro histórico — A Pátria de Junqueiro</i> .....	XLI
14. <i>O realismo dos Velhos de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas</i> .....	XLV
15. <i>Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a ópereta e a revista</i> .....	XLVII



16. <i>O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes</i> .....	XLVIII
17. <i>O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira</i> .....	L
18. <i>Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão</i> .....	LIII
19. <i>Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício</i> .....	LIV
20. <i>Situação do teatro português entre 1918 e 26</i> .....	LVI
21. <i>Tendências dramaturgias do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional</i> .....	LVIII
22. <i>Tendências dramaturgias do após-guerra: A sátira de costumes</i> .....	LIX
23. <i>O teatro de Alfredo Cortez</i> .....	LXII
24. <i>A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro</i> .....	LXIII
25. <i>O teatro português na década de 30</i> .....	LXV
26. <i>O modernismo no teatro português</i> .....	LXVIII
27. <i>O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental</i> .....	LXXII
28. <i>Situação actual do teatro português</i> .....	LXXIII
29. <i>O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos</i> .....	LXXVIII
30. <i>Conclusão</i> .....	LXXIX

### *Antologia:*

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente .....	1
Gomes de Amorim: Fígados de Tigre .....	21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa .....	53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Vallor .....	71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar .....	105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema .....	121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha .....	143
× Manuel Fernandes Laranjeira: ... Amanhã .....	171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre .....	189
Eduardo Schwalbach: Os Postiços .....	217
× Fernando Pessoa: O Marinheiro .....	275
Vitoriano Braga: Octávio .....	283
Carlos Selvagem: Entre Giestas .....	303
António Patrício: D. João e a Máscara .....	341
Ramada Curto: O homem que se arranjou .....	371
× Raul Brandão: O Avejão .....	397
António Botto: Alfama .....	403
Alfredo Cortez: Gladiadores .....	427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traíçoero .....	449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos .....	473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente .....	493

× <i>Alves Redol: Maria-Emília</i> .....	519
× <i>Branquinho da Fonseca: Curva do Céu</i> .....	529
<i>José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe</i> .....	535
× <i>Almada Negreiros: Antes de começar</i> .....	559
→ × <i>João Pedro de Andrade: Continuação da comédia</i> .....	567
× <i>Jorge de Sena: Amparo-de-Mãe</i> .....	575
× <i>Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte</i> .....	581
<i>Bernardo Santareno: A Promessa</i> .....	597
<i>Costa Ferreira: Um homem só</i> .....	623

*Nota Final*

*Nota Bibliográfica*

*Índice dos Nomes Citados no Prefácio*





## Principais Correções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
<b>NO PREFÁCIO</b>			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	incluído	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsediante
<b>NA ANTOLOGIA</b>			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, <i>episódios em 1 acto</i> (1902); <i>O Rei Maldito, peça histórica em 5 actos</i> , e <i>A Noite do Calvário</i>
121	31	<i>solicitados, por</i>	<i>solicitados por</i>
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade (1953)	Voz da cidade (1952)
427	7	<i>Henri Josset</i>	<i>André Josset</i>
575	17	<i>acusa</i>	<i>acusa</i>
575	18-19	<i>épocas, uad libitum, permutáveis</i>	<i>épocas, uad libitum, permutáveis</i>
581	22	(1960)	(1961)
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.